

TESTEMUNHOS

TESTEMUNHOS

Teresa Calçada

Na organização deste encontro pensámos que seria curioso ouvir alguns colegas, com experiências várias no que respeita ao gosto pelo livro e pela leitura, testemunhar o seu trabalho nesse domínio, tocando vários graus etários de leitores sobre os quais queremos pensar.

Assim, a Dr^a. Fátima Sequeira, professora universitária em Braga, falará da sua experiência, no que respeita ao gosto pelo livro e pela leitura, com sectores infantis.

Falará a seguir a Dr^a. Manuela Castro Neves, professora do 1º ciclo, com testemunho a dar no que respeita à criação do gosto pela leitura junto de miúdos entre os 6 e os 9-10 anos.

A Dr^a. Maria de Lourdes Dionísio Sousa, também professora na Universidade de Braga, vai-nos falar dos hábitos de leitura nos jovens, daquilo que lêem e como lêem.

A Dr^a. Natália Caseiro, professora numa escola secundária de Leiria, vai falar-nos da sua experiência no terreno com o trabalho que realiza na biblioteca da escola abrangendo aquele sector etário - dos 13-17 anos, que pensamos ser o que perde os hábitos de ler - como indiciam os comentários e apreciações feitos na parte da manhã.

Fátima Sequeira

Em primeiro lugar queria agradecer o amável convite que me foi feito pela organização deste seminário. É com muito gosto que me encontro aqui para dar voz a alguns dos projectos que têm sido desenvolvidos nestas áreas na Universidade do Minho.

Desenvolverei a minha comunicação oral numa só vertente, a da investigação, mas com dois parâmetros: um mais teórico e outro prático, no terreno.

Na investigação teórica queria situar toda a nossa acção desde 1983, quando se iniciaram na Universidade do Minho os primeiros mestrados em ensino da língua e literatura portuguesas. Não é gratuito, portanto, aquilo que transmito, porque a partir desses cursos de pós-graduação se realizaram estudos muito interessantes sobre o ensino da língua e da literatura e o desenvolvimento da linguagem, estudos esses que nos deram campo para podermos não só falar como aplicar no terreno muito do que aprendemos.

Temos neste momento algumas dezenas de teses de mestrado e já algumas de doutoramento sobre os temas do livro e da leitura. É sempre difícil a divulgação desse espólio, mas ele existe nas bibliotecas da Universidade do Minho e nalgumas bibliotecas de Escolas Superiores de Educação, cujos docentes temos basicamente formado com estes cursos de mestrado. Sendo assim, toda a nossa investigação vem essencialmente desses cursos.

Alguns dos resultados obtidos - e os da minha própria tese de doutoramento, que já data de 1982 - confirmaram pontos mencionados

esta manhã e que passo a recordar: a televisão, embora não se relacione muito positivamente com a leitura, não lhe é significativamente oposta e não abranda o gosto por ela. Por outro lado, o nível sócio-económico das crianças é um factor bastante relevante para a não-leitura.

Mas outros projectos têm surgido e servido de base para análise. Recordo o já mencionado *International Education Achievement - The Reading Litteracy*, de que fui consultora nacional, tendo-o pois acompanhado de perto. Dele saiu o livro *Como lêem as nossas crianças*.

Tudo isso tem enformado a nossa investigação no terreno. E como muitas das teses, essencialmente de mestrado, trataram do gosto pela leitura a partir do jardim infantil e da pré-primária, eu iria citar uma experiência na Escola Superior de Educação de Viana do Castelo. Trata-se da constituição de uma biblioteca infantil e juvenil aberta em 1988 e que tem sido um campo fértil de trabalho para a formação inicial e para a pós-graduação de muitos dos professores daquela escola, uma vez que temos um grupo de professores dinamizadores da biblioteca que fizeram o mestrado na Universidade do Minho sobre este tema.

O que é que pretendemos com essa biblioteca? Criar um espaço entrecruzado e agradável onde as várias matérias curriculares pudessem exercer os seus efeitos, destinando-se, assim, a todos os graus de ensino sensivelmente até ao 3º ciclo, privilegiando a educação infantil e as crianças muito jovens.

A biblioteca foi formada num espaço muito agradável e muito bonito, muito aberto ao verde exterior, características que actualmente tornam os locais bastante agradáveis. É uma biblioteca muito colorida, não foi de maneira nenhuma cara a sua instalação, uma vez que os móveis foram todos feitos à medida por carpinteiros particulares - sorte nossa, evidentemente. Tem muitos lugares de lazer, por exemplo a casinha do Capuchinho Vermelho com os seus mobiliários. Ao seu lado há uma ludoteca e uma videoteca. O espaço pareceu-nos então relativamente grande, hoje é relativamente pequeno.

Formámos nessa altura a Associação dos Amigos da Biblioteca, que teve grande adesão por parte das crianças e das escolas.

Primeiramente a biblioteca teve o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, entidade para a qual nos virávamos sempre que precisávamos de alguma ajuda financeira.

Praticamente todos os dias temos visitas programadas das crianças dos jardins-escola, das escolas primárias, das escolas básicas de 1º e 2º ciclo das redondezas. Isto beneficia bastante a formação inicial dos alunos da escola e não só em língua portuguesa. O gosto pela leitura não virá só da língua materna, mas estende-se ou deve estender-se a todas as outras áreas curriculares e o professor implicado numa dinamização de biblioteca não tem que ser só o professor de português, deve ser o de todas as outras áreas curriculares.

Isto também vem na esteira de investigação que se tem feito na universidade - na aquisição e desenvolvimento da linguagem devem estar implicados todos os professores, isto para que não se diga que se o menino não sabe português é culpa do professor da língua. Não! É

culpa de todos os professores, uma vez que eles deviam ter na sua formação a componente de desenvolvimento da linguagem na sua própria ciência.

Sendo assim, todos os professores das várias variantes na Escola Superior de Educação (ciências, matemática, educação física, educação visual, etc.) fazem parte do seu estágio pedagógico na biblioteca com crianças que vêm dos níveis etários mais baixos até ao 2º ciclo.

Desta maneira e exemplificando, os alunos de ciências da natureza fazem exposições sobre temas como a ecologia, por exemplo. A biblioteca está bem equipada e os alunos recolhem nela para o seu trabalho tudo aquilo que acham que diz respeito às ciências da natureza e àquele tema, que não será necessariamente só de ciências, uma vez que aqui os "curricula" se entrecruzam. Durante o ano há exposições dos trabalhos feitos sobre os vários temas curriculares.

A biblioteca é dinamizada através de muitos seminários com escritores, bibliotecários ou professores doutras escolas e comemoram-se também aniversários de autores e de obras.

Como no distrito há um projecto sobre a introdução precoce das línguas no ensino básico, 1º ciclo, temos também literatura francesa e inglesa, para crianças. Assim, faz-se o Natal inglês e o Natal francês, e outras festas tradicionais dos países.

É ponto assente que a biblioteca está acessível em termos de estantes abertas. As crianças podem mexer livremente onde quiserem, embora tenham os cantinhos com as várias cores para as várias faixas

etárias, mas isso é bastante flexível, porque não se vai impedir uma criança de circular. Ela está absolutamente livre.

Tudo isto faz com que recebamos crianças que nunca vimos mas que pedem para vir à biblioteca. São crianças do 2º e às vezes do 3º ciclo que vão fazer a sua investigação.

Aproveitamos na formação inicial dos nossos alunos toda a dinamização possibilitada pela biblioteca e esperamos que quando eles partam para as suas escolas, mais tarde, estejam completamente sensibilizados para a desejável dinamização da biblioteca escolar, que eu considero que é realmente o coração da escola e que não deve ser só aquele lugar onde o professor de português ou de história por vezes vai indicar uns livros ou fazer alguma - pouca - dinamização.

O trabalho nesta biblioteca integra-se num projecto muito grande sobre o qual eu espero que um outro elemento da mesa fale. A Universidade do Minho e a Escola Superior de Educação de Viana têm um projecto sobre dinamização das bibliotecas escolares. Além de termos um levantamento, talvez único no país, sobre as condições de todas as bibliotecas escolares dos distritos de Braga e de Viana do Castelo, dinamizamos as bibliotecas do 2º e 3º ciclo.

As escolas do 1º ciclo pedem-nos para entrar nesse projecto, e eu já tenho um trabalho muito interessante numa escola básica de 1º ciclo. É uma escola bastante pobre, com um lindíssimo projecto de envolvimento da comunidade.

Mas não tenho tempo para falar dele...

Manuela Castro Neves

Sou professora do 1º ciclo e trabalho actualmente com um grupo de crianças de 7/8 anos que frequentam o 2º. ano de escolaridade. Vou dizer muito rapidamente o que faço para tentar desenvolver nelas o gosto da leitura.

Em primeiro lugar procuro criar um contexto em que a leitura seja sentida como necessária para o bom funcionamento da própria turma.

Falo numa classe cooperativa onde as crianças têm tarefas relacionadas com a vida do grupo e para o cumprimento das quais é preciso ler e escrever (ler decisões tomadas anteriormente, regras assentes, preencher registos vários); numa classe que mantém uma interacção permanente com o meio, decorrendo daí a necessidade de leitura e escrita de cartazes, cartas, etc.

Alguém da assistência referiu há pouco que crianças interrogadas sobre a funcionalidade da leitura, a circunscreviam à escola e suas actividades. Creio que isso acontece frequentemente e que alguns trabalhos de investigação feitos provam a relação entre o desconhecimento das funções da leitura e o insucesso na aprendizagem da mesma.

Daí a importância dum ensino que se alicerce em situações de leitura funcional.

Outro aspecto que procuro contemplar na minha prática é o da leitura de histórias. Todos os dias ou quase, desde o 1º. ano, eu lhes leio histórias. Falou-se já na importância da leitura oral às crianças e de que esta não deve ser abandonada quando as crianças já sabem ler.

Efectivamente mesmo quando já se pode ler sozinho, a leitura do adulto continua a ter uma importância muito grande para as crianças. Assim reservo um bocadinho de tempo todos os dias para o fazer. Umás vezes leio uma história completa, outras fragmentos de histórias. Quase terminados dois anos de trabalho, já li perto de uma centena de histórias a este grupo de crianças.

Também tenho outra preocupação: a de que quando as crianças aprendem a ler, o façam sobre textos com **sentido** ou seja - de que não leiam aqueles textos paupérrimos dos manuais, que têm como primeira preocupação o encadeamento de determinados sons. Uma vez que ler é descobrir o sentido dum texto, é importante que haja de facto sentido no que se propõe para a leitura.

As crianças podem aprender a mecânica da leitura a partir de tal tipo de textos. No entanto, terão de percorrer um grande caminho, terão que gastar muita energia para chegarem à compreensão dum texto. Algumas delas não serão capazes desse esforço.

Também a continuação da aprendizagem da leitura deve ser feita sobre textos reais e por técnicas não mecanicistas. A leitura oral que se faz ainda muito na escola tradicional e que consiste em 25 crianças, por exemplo, estarem ao mesmo tempo a ler o mesmo texto durante uma quantidade de vezes, enquanto a professora controla a sua atenção, é bastante desmotivadora.

Utilizo outro tipo de práticas em que a leitura oral está associada a situações de comunicação.

Outro aspecto ainda não focado aqui hoje que considero muito importante e a que dou muito realce no dia a dia escolar, é o de colocar as crianças logo desde o início como produtoras de escrita. Tenho para mim que, é na medida em que se escreve mais, em que se passa por dentro do processo da escrita e em que se reflecte sobre o mesmo que melhor se pode gostar e compreender a leitura.

Queria ainda referir que considero imprescindível a existência na sala de aulas dum canto de leitura, onde a seu ritmo e gosto, as crianças possam contactar com os livros. E ainda que ele seja tão resguardado de barulhos e de outras interferências, quanto possível; que seja, enfim um espaço de silêncio e de liberdade.

Parece-me também importante e por isso o promovo, a criação de momento de conversa com as crianças sobre livros lidos. Combinámo-lo antecipadamente para que as crianças se possam preparar para isso. Não se trata de exigir que contem exaustivamente uma história lida, mas de o dizerem de modo muito resumido. Nessas alturas, eu falo também dum livro que tenha lido recentemente.

Fiz isso, por exemplo, com o "Diário de Link" e com "O Velho que Lia Romances de Amor". Não são livros para crianças, mas isso não me impediu de lhes contar algumas partes que me pareceram capazes de os interessar. O que visio com isto é apresentar-me a eles como alguém que tem hábitos de leitura e se entusiasma com o que lê.

Para acabar vou relatar-vos agora um trabalho que desenvolvi com as crianças ao longo de aproximadamente 3 semanas e que teve como ponto de partida a leitura dum livro chamado "Leónia devora livros" da editora Caminho (passe a propaganda).

A Leónia é uma menina que gosta imenso de ler e que devora os livros com os olhos desde que aprendeu a ler. Só que a certa altura começa a devorar mesmo fisicamente as histórias. Os pais preocupam-se imenso, levam-na ao médico. Este diz-lhe que não pode ler tantas histórias, porque lhe fazem muito mal e começa mesmo a enunciar os prejuízos que causam: as histórias de princesas fazem tristezas, as de feiticeiras fazem olheiras, etc. Manda-a para um especialista; acontece que este era igualmente um devorador de histórias e diz-lhe que realmente isso não faz mal nenhum. A única diferença entre ele e ela é que o especialista devora as histórias já cozidas no vapor! Os pais desanimam - retiram os livros de casa. A Leónia não tem mais hipótese de comer histórias em casa, mas como era esperta inscreve-se numa biblioteca, onde abanca exactamente como num restaurante e come tudo. Chega a um ponto em que encarna as personagens que come, chega a casa e faz algumas das coisas que as personagens faziam. Num destes ataques incarna a Bela Adormecida e dorme meses a fio. Os pais, preocupadíssimos, entram no jogo e põem um anúncio no jornal à procura de um príncipe que a venha despertar. Este chega, desperta-a, e a primeira coisa que ela lhe pergunta é se ele também gosta de ler histórias. Ele responde que tem um sótão cheio de contos de fadas. Vão para lá e aí casam. Têm duzentos filhos.

O apaixonante nesta história é que os 200 filhos da Leónia herdaram a doença da mãe e todos devoram histórias. Como ela não consegue ter tantos livros para satisfazer a fome dos filhos, começa a produzir . Senta-se a uma mesa e, em vez de cozinhar, produz *"histórias de gigantes e anões, de polícias e ladrões, de bruxas e de fadas, histórias encantadas, histórias de anedotas e histórias idiotas"*.

Quando li esta história achei que tinha descoberto algo de importante. Os heróis dos meus alunos são os heróis da agilidade e da força, eles nunca se tinham referido a nenhum herói ou heroína que lesse. Assim, resolvo transformar a Leónia na nossa heroína e desenvolvemos um trabalho a partir de Abril baseado nela.

Em primeiro lugar fizemos um levantamento de todas as histórias que a Leónia leu. Vimos que as conhecíamos quase todas. As que ainda não conhecíamos, eram uma pequena minoria. Decidimos que o melhor era lê-las outra vez durante 1 ou 2 semanas para perceber bem porque é que a Leónia as tinha devorado. Cada aluno apresenta a sua razão, projectando assim o seu gosto por cada história.

No meio deste processo acontece o melhor que podia ter acontecido: ninguém conhecia - um dos títulos que o livro enumera é *Os contos da mãe gansa*. Armámo-nos em investigadores e as crianças partem à procura deles, transformado em objecto claro de desejo. Cria-se um registo das tentativas feitas para o encontrar: as idas às vizinhas, à infantil, aos professores e às empregadas, aos pais. Como até este momento ainda ninguém o encontrou, os alunos decidiram que iam eles próprios fazer uns contos, com esse título. Eles gostam muito de produzir texto.

Entretanto, era tão importante que a Leónia fosse a casa deles todos que se faz um sorteio entre os 18 alunos para saber por que ordem é que a Leónia os há-de ir visitar. *“Faltam ainda 13 dias; - para eu poder levar a Leónia” - dizia uma das crianças ...!*

Como resultado deste projecto trouxeram-se muitos livros para a sala de aula para tornarem a ser lidos e vieram muitos outros livros

novos que não tinham sido lidos ainda. Ao mesmo tempo, imitando a Leónia que classifica os livros em gigantes e anões, polícias e ladrões, etc., etc., nós vamos tentar classificar os que temos no canto de leitura com base nessa grelha. Chegamos à conclusão de que é muito complicado fazê-lo e de que é portanto preciso criar uma nova grelha de classificação. Assim surgem duas grelhas: uma para os livros do canto de leitura, outra para classificar as próprias histórias que tinham sido produzidas pelos alunos.

O que acontece mais em relação à Leónia? A certa altura, tomamos consciência que estávamos um pouco como a mãe Leónia, ou seja, gostávamos muito de ler, mas o nosso cantinho de leitura estava muito reduzido. Tal como ela se sentou diariamente a escrever livros para os filhos, nós também pensámos que uma forma de conseguirmos saciar um pouco a nossa forma de leitura era produzirmos histórias. E assim criámos uma colecção que se chama *A colecção dos 21 comilões*: 18 alunos, eu, uma estagiária e uma professora de apoio. Quando escrevemos, todos escrevem, quando se lê, todos lêem. Criou-se um registo para que cada autor da colecção possa ver se o seu livro já foi lido por toda a gente. É enorme o interesse que cada criança tem em saber quem já leu o seu livrinho ...

Chegada ao termo da minha intervenção, gostaria ainda de referir que ao longo deste projecto melhoramos o canto de leitura tornando-o mais acolhedor. As crianças fizeram um castelo que pusemos sobre um armário que serve para enquadrar mais um pouco e separar o canto de leitura do resto da sala. Sobre esse castelo há um móvel feito pelas crianças composto por todas as personagens das histórias que eles leram.

No meio de tudo isto, há um aspecto engraçado: chove no canto de leitura. Tendo uma trovoada destruído um livro de António Torrado chamado *O segredo*, os meninos disseram que iam recriar o conteúdo daquele livro.

Tinha alguns diapositivos para ilustrar a minha apresentação, mas como ultrapassei já o meu tempo, ficam em arquivo. Resta-me só pedir às pessoas que, se conhecerem os *Contos da mãe gansa*, me digam no final.

Teresa Calçada

Está provado pela comunicação da Dr^a. Manuela Castro Neves que toda a gente gosta de ouvir contar histórias, é só preciso saber contá-las. Foi o caso.

Maria de Lourdes Dionísio Sousa

Apesar de reconhecer que a promoção do gosto pela leitura é um objectivo privilegiado da disciplina de português, defendo que circunscrever à aula, e à de português em particular, a responsabilidade não só de ensinar a ler como também de promover e de desenvolver dependências, é uma tarefa que pode ter efeitos perversos, isto é, tentando fazer tudo ao mesmo tempo acabamos por nem desenvolver fluências, nem desenvolver hábitos. Por outro lado, pressupor que com a mudança do cânone e de algumas estratégias, só por si nós vamos criar leitores, é olhar para esta questão apenas por

um dos seus lados. É económico, sem dúvida, mas levanta imensas dúvidas.

As expectativas que cheguei a depositar nas metodologias foram sempre contrariadas por observação de vários ângulos, ou o dos jovens ou o dos leitores que se afirmam leitores e que o são há muitos anos. Se pensarmos como é que adquirimos o gosto pela leitura, haverá entre nós muitos que o fizeram numa aula de um professor de português cujas práticas de ensino eram do mais “tradicional” possível. Ou então era um professor que, para além da divisão das orações de *Os Lusíadas*, lia muito bem. Por isso, a resposta estará no método?, na abordagem x, y ou z?.

Mas também falei com jovens adolescentes e o que me diziam levava-me, do mesmo modo, a questionar as práticas que eu pretendia que fossem implementadas na aula de português. Numa situação de entrevista em simultâneo, ouvi: *"Gosto de ler deitado no chão; eu, de barriga para o ar; à noite, no quarto; às vezes pego num livro, leio aquele bocado que já conheço de cor e depois fico meia hora a pensar em tudo, nos amigos, no que vou fazer nas férias; o que eu mais gosto, é de ficar a saber coisas; ai, eu é do "suspense"; às vezes nem respiro até acabar, depois leio outra vez; eu é de ler coisas que nunca fiz; não, eu é de terem os mesmos problemas que eu e depois eu penso que é tal qual como eu e o meu pai; eu aprendi umas partidinhas para pregar ao meu irmão; eu não gosto nada é quando a minha mãe começa a dizer que este ou aquele livro é que é giro, já sei que não vou gostar; eu também, mas às vezes, passado muito tempo, leio e não lhes digo nada, porque assim não me fazem perguntas; pois, eu só falo quando me apetece, mas falo sempre dos livros com a Sílvia,*

pensamos sempre o mesmo, às vezes ela não achou piada a um bocado e depois eu leio em voz alta e rimo-nos como tudo, porque sei lá, não é como nos filmes, a gente vai ao cinema, todos vêem, dá para conversar, com os livros, não, eu leio um livro, gosto e pronto."

Ou então, podemos ouvir de mais velhos: *"Se temos um sentimento sobre o sentido de uma história ou poema, não deve ser errado não ter prova para isso"*. Por outro lado, observar e analisar o discurso sobre concepções e objectivos da aula de português revela-nos coisas como: *"É eficaz para desenvolver o gosto pela leitura a análise e interpretação de textos; são produtivos os trabalhos sobre orientação do professor, porque sem esta não se vai a lado nenhum; o apoio e o acompanhamento são condições sem as quais os trabalhos sobre os textos não terão resultado; a escolha de textos e obras para a aula de português deve ser da responsabilidade do professor; o professor tem de guiar, orientar, apresentar novos caminhos."*

Estamos em presença de dois entendimentos de leitura que postulam práticas distintas. Uma, a dos jovens de 14-15 anos, que se caracteriza por uma natureza profundamente privada de difícil e desnecessária partilha com os outros. Se pensarmos bem, é, neste sentido, quase impensável a situação em que um aluno conta ao professor que corou ao ler determinada passagem, ou teve pensamentos menos apropriados para serem contados a toda a turma, embora naturais na sua idade. Portanto, com os jovens trata-se de uma leitura que não se quer submetida a imposições de tempos, espaços e tarefas a cumprir.

A outra é a prática da escola que, porque é escola, tem por objectivo ensinar. Neste contexto, a conduta é inevitavelmente a de orientar, mais ou menos directa e explicitamente, mas sempre orientar no sentido de uma leitura (correcta), por isso, o mesmo é dizer controlar. Mesmo aquelas propostas de leitura que se dizem respeitadoras da autonomia do leitor/aluno, aquelas que se dizem pouco ou nada controladas pelo professor, acabam sempre por sê-lo. Vejamos: só pelo facto de se perguntar ao aluno se leu, é controlar; só pelo facto de se pedir que selecione um excerto de que se gostou, é já a transformação numa tarefa solicitada pelo professor; nas actividades de aula, quaisquer que elas sejam estamos permanentemente submetidos a constrangimentos de natureza vária, como a avaliação.

Para superarmos esta contradição entre sentir que existe uma leitura escolar e uma leitura que é privilegiada pelos jovens defende-se a complementaridade, isto é, a compensação por alternância entre práticas de leitura orientada com vista à aquisição de saberes relacionados com os textos e com a língua e práticas mais ou menos lúdicas e recreativas. Efectivamente, as actividades com potencialidade para criar hábitos parecem ser estas últimas porque reorganizam os factores que definem o contexto de sala de aula e são um pouco aquilo que a Dr^a. Manuela defendeu. Ela apresenta-se como um igual dos seus alunos, também lê e também escreve. A situação é de pares e não de um sujeito que tem uma informação melhor do que a dos alunos. No entanto, se estas situações em que os factores que constituem a sala de aula se desmancham e deixam de a caracterizar, ocorrem é de forma muito esporádica; não têm condições para vir a perdurar no contexto da instituição escolar porque não são reconhecidas como “aulas”.

Neste sentido, e mesmo admitindo que a aula de português pode e deve “descaracterizar-se” de tal modo que a leitura seja entre iguais e o papel dado aos jovens como leitores autónomos seja real, creio que, se não tiver a corresponder fora das suas paredes, nas salas das outras disciplinas e no espaço mais abrangente que é a escola, práticas semelhantes e coerentes, não teremos efeitos perduráveis. O que se passa na aula de português tem que ter continuidade na aula de matemática, de física, etc.

Ser leitor é dar valor ao livro e reconhecer a actividade de leitura como socialmente válida e, porque os leitores operam a partir de um conjunto de perspectivas sociais que influenciam as suas concepções do que é ler, do que é o livro, o valor que é dado à leitura pelas pessoas e com textos que para os jovens são significativos, tem, na sua formação, papel fundamental. Isto é, os leitores desenvolvem naturalmente a vontade de ler pela participação em comunidades consistentes de leitores.

A biblioteca da escola pode assumir esse papel. É aqui que os encontros com os livros são descomprometidos, que as escolhas são feitas em função das decisões pessoais e os modos de interpretar são, de facto, autónomos.

Ora o que verificamos existir entre o que se pretende realizar na aula de português e fora dela, nomeadamente ao nível da biblioteca escolar, é uma contradição.

Pelo estado em que se encontram não é visível nenhuma política coerente para a promoção da leitura. Há, é certo, casos como o que a seguir vai ser apresentado que resultam do espírito de missão de

algumas pessoas, mas mesmo estas reconhecem quão frágil é a obra que arduamente construíram.

Nos distritos de Braga e Viana do Castelo a situação é quase igual à que se traçou em 1977 aquando de um curso para professores encarregados de bibliotecas escolares promovido pela Direcção Geral do Ensino Secundário. Já então, diz-nos Maria Manuela Nogueira, 1978, a biblioteca da escola funcionava em “regime precário e amador”.

Não será necessário desfiar um rosário de problemas para confirmar este estado precário, bastará sim referir que o professor responsável continua sem formação específica para o cargo e a ter apenas duas horas de redução para a realização dessa tarefa como se de coisa simples se tratasse; que não tem voz nos órgãos de gestão pedagógica; que em muitos casos, a atribuição deste cargo é para completar horários atribuídos já tardiamente a professores que no ano seguinte não estarão ali.

Chega ver que em 50% das escolas o funcionário que deveria assegurar as rotinas próprias de uma biblioteca, divide-se por outras tarefas que lhe ocupam mais tempo do que aquela e em horas em que a biblioteca deveria estar aberta. Basta saber que 36% das escolas têm a sua biblioteca ocupada a maior parte do tempo com aulas e que por isso, as estantes encontram-se fechadas a cadeado; que mesmo naquelas que não estão ocupadas normalmente com aulas o acesso às estantes é condicionado.

A maior parte das escolas não tem um fundo mínimo necessário para suprir as necessidades de leitura dos jovens. Não há verbas para

aquisições de livros, não há dinamização nem divulgação, não há enfim biblioteca.

Para que a biblioteca da escola funcione como um espaço estruturador de uma comunidade de leitores há que atribuir-lhe objectivos, formar os responsáveis, definir-lhe fundos mínimos, dinamizá-la através de acções persistentes e de raio de acção alargado. Em suma, investir seriamente nela e implicar toda a escola nesse investimento. Sem isto não me parece ser possível pensar em transacções com todos os outros caminhos disciplinares descobertos para fomentar a leitura. Nem estes sem a biblioteca podem alguma vez ter a pretensão de isolada e esporadicamente vir a criar leitores.

Teresa Calçada

Pese embora o pessimismo, também se aponta alguma esperança no sentido que, se as bibliotecas escolares forem promovidas, possa acontecer que os hábitos de leitura se desenvolvam. A Natália Caseiro tem exactamente experiência numa biblioteca e eu espero que a sua comunicação confirme esta ideia.

Natália Caseiro

Há pedacinho, a moderadora apresentou-me como uma operacional no terreno e, de facto, é nessa qualidade despretençiosa que eu me assumo aqui. Trabalho há vários anos na Escola Secundária

Domingos Sequeira e estou ligada directamente à biblioteca da escola desde há seis anos.

Tenho feito ao longo destes anos, o trabalho de animação possível no domínio do livro e leitura, mas estas experiências, incluindo a experiência fabulosa que a colega Manuela acabou de relatar, quase que se assumem como “estrelato” no marasmo que são as bibliotecas escolares hoje em dia. Tenho a impressão de que esses oásis confirmam o deserto e é nesses termos que devemos falar quando nos referimos a bibliotecas escolares. Na grande generalidade dos casos, faltam os mínimos essenciais para elas funcionarem, não há fundos bibliográficos actualizados nem mínimos, não há formação de pessoal responsável nem auxiliar, não há equipamento informático nem mobiliário, etc.

Bastava que fosse dada alguma formação a nível de biblioteconomia ao pessoal responsável, para que estas experiências vistas como “carolice” e espírito missionário, se reduzissem à dimensão de exigência profissional. É actualmente, uma inerência profissional de qualquer documentalista o assumir-se como animador. Aquilo que eu faço na minha escola devia ser uma coisa normal, se se investisse programadamente nas bibliotecas escolares.

Quando vemos o trabalho que está a ser feito a nível da Rede Nacional de Leitura Pública, como aí se trabalha, que equipamentos existem nas bibliotecas universitárias, nos institutos politécnicos, observamos de facto, o que é investir e o que é haver projectos e planos. Nas bibliotecas escolares não há nada disso, não há nenhum plano concertado de investimento.

No relato de experiência que vou fazer, queria privilegiar na parte final a animação do livro e da leitura, pois tenho empreendido algumas iniciativas a esse nível. Em primeiro lugar, contudo, queria situar a minha intervenção a nível da política de aquisições, da gestão do espaço físico, do tratamento técnico das espécies e da divulgação do livro, para criar a ideia de que se pode fazer um trabalho sério a esse nível, mesmo com poucas condições.

I - Política de aquisições

As escolas não têm fundos mínimos. Eu tenho a sorte de trabalhar numa que já tem mais de 100 anos de instituição e 40 de edifício, que tem portanto um fundo bibliográfico acumulado razoável, mas se visitarmos C+S e outro tipo de escolas com 5 ou 10 anos de existência, é confrangedor ver o fundo de livros aí existente.

Tem sido uma preocupação minha a actualização de fundos, porque acho que ela, só por si, garante que os alunos afluam e frequentem as bibliotecas. Para conseguir esta relativa actualização, tenho-me socorrido de algumas habilidades como a apresentação de projectos a organismos como o ex-IPLL, a Gulbenkian, o Instituto de Inovação Educacional, que têm arejado a entrada de livros. Socorro-me dos fundos gerados na papelaria da escola e que podem ser canalizados para esse fim. Tenho ainda em funcionamento uma animação com um Clube de Amigos da Biblioteca que, através das quotizações e de sorteios de livros, tem propiciado alguma entrada de dinheiro e de livros.

Os livros adquiridos vão ao encontro dos pedidos dos grupos disciplinares; contudo adquirei essencialmente livros juvenis, quer sejam ficção, quer sejam obras de referência.

II - Espaço físico

A minha biblioteca é muito bonita. Trata-se de um edifício dos anos 50 que tem estantes de madeira do soalho ao tecto, com portadas arejadas com redes. Nos últimos anos, esta madeira tem convivido (um pouco promiscuamente) com o metal: escaparates, separadores, vitrinas e outros diferentes tipos de expositores, que têm possibilitado, a nível da administração da gestão do espaço físico, o funcionamento de áreas diversas: o cantinho de leitura, a zona de referência, a zona dos manuais escolares adoptados por ano e o sector da banda desenhada e publicações periódicas.

Há um espaço contíguo à biblioteca onde faço o tratamento dos livros e que serve de zona mais recatada para alguns alunos estudarem. Existe também aí em funcionamento um serviço de fotocópias.

Só esta referência aos diferentes espaços dá uma ideia que esta biblioteca tem uma afluência que não pára ali. Ocorre à biblioteca o aluno que quer trabalhar, que se quer documentar sobre um assunto, que quer requisitar um romancezito para o fim-de-semana, mas também o aluno que quer fotocopiar documentos, o aluno que quer conversar com os colegas, a aluna que quer uma receita culinária para experimentar em casa.

Esta biblioteca é um sítio relativamente devasso, o que cria a quem a está a administrá-la, problemas de vandalismo, de

desaparecimento de livros, mutilação de algumas espécies, mas suponho que todo o documentalista tem que se habituar a viver com isto se de facto quer fazer das bibliotecas sítios vivos e não catedrais do saber fechadinhas com cadeados. Isto é uma visão muito romântica (*"Roubaram um livro! Ótimo!... Que o comam, que o devorem, como a Leónia."*) É bonito dizer isto, mas para quem é responsável por um fundo é evidente que isso traz problemas delicados.

De qualquer maneira, é um espaço extremamente concorrido. Acabei recentemente as estatísticas do 1º e 2º períodos de 93/94 e registei 8 000 requisições. Como era de esperar, os alunos têm uma parte nobre e os professores uma contribuição muito modesta. Numa população escolar de 2 500 alunos, a média normal anual é de 12 000 movimentos o que dá conta de que a biblioteca é realmente uma sala de alunos, que aliás não existe na escola.

III - Tratamento das espécies

A nível técnico também há um certo apuro. Estamos a trabalhar numa base de dados que já tem algumas entradas e que funciona razoavelmente, criando uma relação extremamente amigável de pesquisa com o utilizador. Quando um aluno me pergunta o que tenho sobre a "saúde", por exemplo, introduzimos a equação na máquina e ela dá-nos respostas, criando um certo respeito por parte do utilizador em relação às capacidades da informática documental.

IV - Divulgação do livro

Tento desdobrar-me em actividades várias, exposições temáticas, feiras do livro, edição regular de um boletim informativo,

comemorações de efemérides, destaques de imprensa, novidades dos livreiros, concursos e desafios bibliófilos, etc.

Uma equipa de alunos colabora e ajuda-me e tenho muito orgulho em dois produtos muito interessantes que estamos a gerar. Um deles é a organização de dossiers com recortes de imprensa feitos a partir de jornais, revistas e outro material disperso como brochuras e cartazes. Selecciona-se o material e um grupo de alunos recorta-o regularmente, data-o e insere-o nos respectivos dossiers. Este material tem-se revelado muito interessante em termos de pesquisa, porque nem sempre as monografias têm informação sobre determinados assuntos, principalmente da actualidade.

Outro projecto interessante com outro grupo de alunos é um catálogo de analíticos relativamente à literatura juvenil. É um ficheirinho que tem o resumo de obras juvenis do interesse dos alunos.

O clube de leitura

Os alunos que eu tenho capacidade de mobilizar para estas actividades do clube, (apesar da escola ter desde os 13 aos 17-18 anos de idade), compreendem-se dentro do 3º ciclo, portanto 13-15 anos. Como sou professora de português, tenho mais facilidade em seduzir, seleccionar e recrutar alguns alunos. Encontramo-nos semanalmente durante 2 horas e nesse espaço de tempo fala-se de livros, lê-se banda desenhada, vêem-se filmes (muitas vezes sugeridos por títulos de livros) e envolvemo-nos também em actividades de escrita - de que o segundo testemunho nos deu conta - como pelágios e recriações de livros e exercícios lúdicos.

No ano de 91-92 tive uma experiência de Clube de Leitura através de um sistema de contrato, o que é absolutamente “anti-Pennac”. Houve, no início, uma selecção de livros por parte dos alunos, apresentaram-se as obras a analisar e os alunos comprometiam-se, por contrato, a preparar fichas de leitura sobre esses títulos escolhidos.

Na modalidade de contrato A, o aluno lia cinco títulos com a respectiva ficha de leitura. Numa outra modalidade mais elaborada, fazia-se um comentário escrito/apreciação dos cinco títulos e numa outra modalidade, ainda, fazia-se a leitura de mais de três títulos de um dos autores. Estes contratos foram depois assinados numa cerimónia muito formalona com a presença dos encarregados de educação dos alunos envolvidos.

Este procedimento pode dar ideia de um esquema um pouco militarista, impositivo, chocante para aqueles chavões do “prazer da leitura”, o “ler se quiser”, o “direito de não ler”, mas digo-vos que funcionou lindamente. Isto de gostar de ler também é um acto de disciplina que se tem que criar, principalmente nos alunos de determinada faixa etária. Nem sempre a leitura é prazer, muitas vezes é camisa suada e só depois destas lutas é que se têm outros prazeres de leitura. Neste grupo de alunos extremamente heterogéneo, eu senti que criei gente que cresceu como leitor.

Foi uma experiência gratificante mas que já não faria outra vez, porque deu muitíssimo trabalho. Chegámos ao final do ano e tínhamos 61 títulos lidos no conjunto pelos 15 alunos do grupo (4 a 5 títulos cada um), fora do tempo de aula. Isto exigia de mim um trabalho muito grande, pois aguentar 15 alunos nesse regime ao longo do ano lectivo não é fácil, porque eles sabiam que isso não "aquecia nem

arrefecia" em termos de avaliação. Havia que criar uma cumplicidade entre mim e eles e um esquema muito apertado de trabalho. Só voltarei a repetir esta experiência se tiver uma equipa de suporte que ajude.

Fiz relatórios sobre as conclusões a que cheguei, o que é que os alunos entre os 13 e 15 anos gostam de ler, o que é que não gostam. De qualquer maneira... já não terei tempo para as citar.

Queria terminar agarrando na ideia com que comecei: todo este tipo de experiências não são nada. São episódios. Para haver algo de novo nas bibliotecas escolares tem que haver investimentos. Falou-se há pouco com uma certa repugnância em dinheiro, mas eu acho que a questão é mesmo de dinheiros, é haver projectos, é haver livros, é haver formação de pessoal. Tudo isto representa verbas brutais, porque as escolas são muitas, mas sem esse investimento tudo o que eu e muitas colegas fazem não tem qualquer expressão, são apenas oásis no deserto.

Teresa Calçada

Teve que se cortar uma parte muito importante dos testemunhos que as colegas tinham para apresentar, mas de facto o próximo painel é muito grande também. As nossas desculpas.

Um pouco à laia de conclusão, repetiria o que de algum modo foi dito exactamente na última observação da Dr^a. Natália Caseiro. Todos testemunham a necessidade de uma rede de bibliotecas escolares e uma rede dessas faz-se com dinheiro, com pessoal, professores e

extra-professores, com formação e faz-se - se me é permitido aproveitar um bocadinho a experiência que a rede de bibliotecas de leitura pública me deu - com um plano. Com projecto com princípio, meio e fim que opte por modelos, e defina prioridades, calendarize, crie situações tipo e dê condições de continuidade na criação das infraestruturas.

Só assim algumas destas importantíssimas experiências se poderão multiplicar e deixar de ser estes oásis, decerto muito cativantes, mas que até acabam por saber um pouco a amargo às pessoas que o fazem, na medida em que sabem de antemão que perdem aquilo que tanto lhes custou a fazer, por não os poderem multiplicar.

Se podemos pegar nas palavras da Senhora Ministra da Educação que hoje aqui tão gentilmente esteve connosco, há condição para lhe pedir que tome em mãos como prioridade política o lançamento de uma rede de bibliotecas escolares, que é coisa que não existe neste país.